

Os jornais cariocas e a “Hespanhola”

Pesquisa de fontes primárias e imagens: Leonardo Cohen.
Redação: Leonardo Cohen, Lohane Cristine de A. Guimarães, Thais da Silva César.
Revisão: Lohane Cristine A. Guimarães, Thais da Silva César.

A reação dos jornais *O Paiz*, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã* diante da epidemia na cidade do Rio de Janeiro em 1918.

Entre setembro e novembro de 1918, quando o mundo vivia os momentos finais da primeira guerra mundial; em que a carnificina, os gases tóxicos, os ataques aéreos, os submarinos, os tanques e os canhões levavam à morte milhões de soldados de diferentes nacionalidades; algumas notícias passaram a circular sobre uma nova doença contagiosa, que se tornaria tão letal quanto à guerra; uma epidemia que se alastrou como uma praga por todo o planeta e, em apenas oito meses, atingiu desde cidades pequenas no norte da Europa à China, aos fronts de guerra e palácios reais, chegando à América do Sul, onde o Rio de Janeiro, então capital federal, foi o epicentro da doença no Brasil. Segundo Goulart (2005, p.105), estima-se que a gripe espanhola tenha levado a óbito pelo menos quinze mil pessoas na cidade do Rio de Janeiro e que seiscentos mil cariocas foram infectados pela doença, dado que corresponderia a um total de 66% da população total da cidade.

Gripe de Flanders, influenza pneumônica, influenza “hespanhola”, “la dansarina”, “gripe espanhola” ou simplesmente “a espanhola”, como ficou comumente conhecida no Brasil; sabe-se hoje que a doença recebeu esse nome não por ter tido origem na Espanha, mas sim por dois motivos; o primeiro foi o fato de a Espanha ter sido um dos poucos países a não esconder os danos causados pela epidemia e, o segundo, por questões políticas, relacionadas à posição de neutralidade do país na Primeira Guerra Mundial.

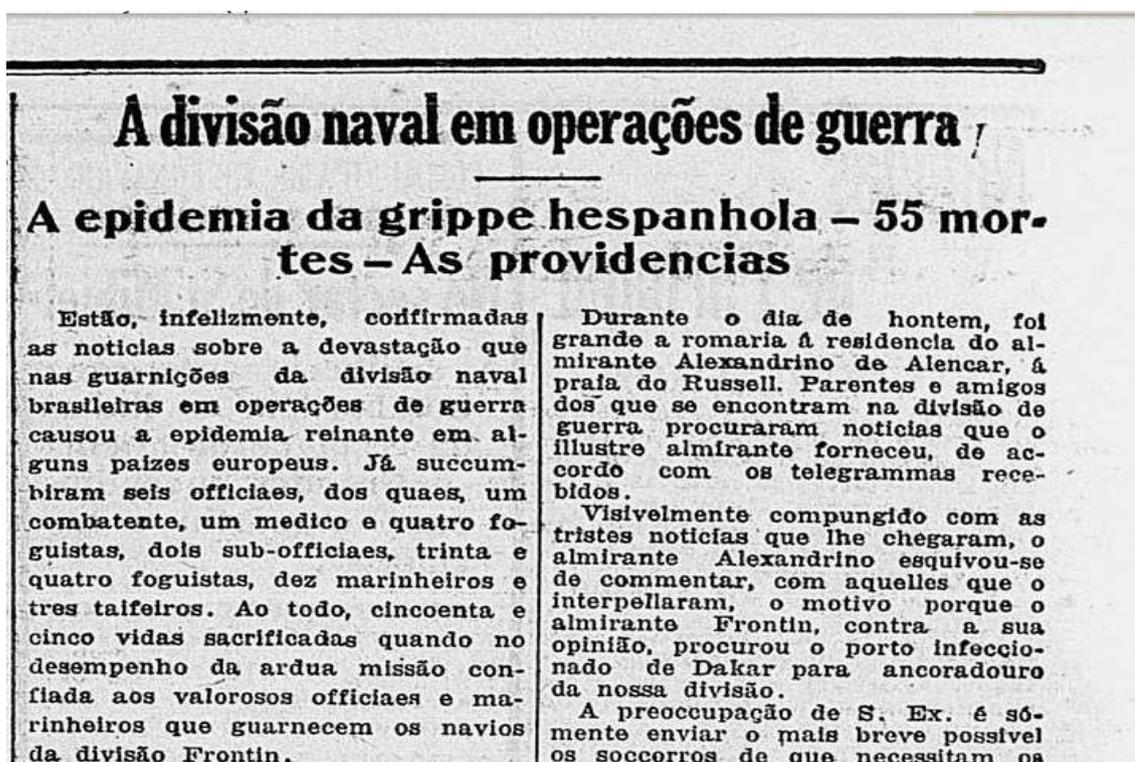
A censura imposta pelos meios militares foi fator comum no período. Muitos países adotaram a censura às notícias sobre a epidemia, visto que a gripe afetou profundamente a capacidade bélica dos exércitos, fazendo com que ela fosse reconhecida, primeiramente, como febre das trincheiras (GOULART, A. da C., 2005, p.2).

No Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, as notícias sobre a gripe espanhola eram ignoradas, e a doença era vista como um mal menor vindo de longe e que dificilmente chegaria por aqui. Para entender melhor como isso ocorreu, seguimos as publicações de três grandes jornais do período: *O Paiz*, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*. Para isso, a fonte de pesquisa utilizada foram os próprios periódicos.

O Paiz

No mês de fevereiro de 1918, o jornal *O Paiz* citava pela primeira vez a doença, que receberia o nome de gripe espanhola alguns meses depois, relatando casos de mortes e infectados nos exércitos da Áustria, Portugal e França. A cada dia, notas curtas abordavam a doença misteriosa que rapidamente ia avançando pela Europa; era o vírus, que matava tanto quanto a bala e tornava as insalubres trincheiras ainda mais insalubres.

O governo brasileiro, como esforço de guerra, mandou uma frota para dar apoio à esquadra britânica, a Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), que deveria patrulhar a costa da África, próxima à entrada do Mediterrâneo. No dia 23 de setembro, discreta, na página 4 do periódico, uma pequena reportagem confirmava a morte de 55 marinheiros brasileiros que estavam nesse navio.



O Paiz, 23 de setembro de 1918.

O jornal informou ainda que familiares das vítimas se aglomeraram na porta da casa do ministro da Marinha, na rua do Russel, na Glória. O Almirante Alexandrino de Alencar estava “visivelmente compungido” com as notícias, mas não quis responder o que levou o comandante da missão, Almirante Max de Frontin, a parar no porto de Dakar, no Senegal, já que havia informações de que a cidade era foco da doença. O ministro deu, então, ordens para uma missão de socorro às vítimas e, dos 1.502 homens embarcados, mais da metade foi atingida pela doença, 156 morreram e outra centena foi trazida de volta ao Brasil; alguns para morrerem aqui.

No dia 27 de setembro, a “influenza espanhola” estava na primeira página do jornal. Ainda que o diretor do hospital militar de Corlone, na Itália, houvesse conseguido isolar o bacilo da gripe; a moléstia estava, segundo o jornal, “devastando a Itália”, tendo chegado ao país através dos prisioneiros de guerra alemães.

No dia seguinte, o periódico noticiou que o ministro da Marinha recebeu cartas de pêsames pelas mortes da frota brasileira. O número de vítimas havia aumentado de 55 para 89, número que foi corrigido dias depois para 85 mortes. Em 2 de outubro, foram divulgados os nomes de todas as vítimas fatais. Ainda no mesmo mês, foi confirmado que o Rei da Espanha, Afonso XIII, contraiu doença, o que ajudou a manter a alcunha da gripe que, a partir daí, ganhou de vez uma nacionalidade forçada: a “hespanhola”. Também o Marechal Joffre foi diagnosticado com a doença e, tempos depois, até o kaiser alemão Guilherme II. Segundo as fontes da época, 180.000 soldados alemães estariam doentes.

No dia 12 de outubro, *O Paiz* estampou na página 4 a primeira referência à doença na cidade do Rio de Janeiro. Os estivadores foram os primeiros infectados, pois o porto era a principal porta de entrada dos estrangeiros, o que facilitava a propagação do vírus entre aqueles que lá trabalhavam. No dia 16 do mesmo mês, o jornal já indicava um número crescente de casos no Palácio do Catete (então sede do governo federal), na Polícia Civil, na Marinha e no Exército. Metade dos funcionários da Limpeza Urbana também estava doente. O prefeito da Capital Federal, Amaro Cavalcanti, decidiu pelo fechamento das escolas por oito dias e pela abertura de novas unidades de saúde. Os crematórios já estavam lotados de corpos.

O jornal criticava fortemente o Diretor Geral da Saúde Pública, Carlos Seidl, tanto por sua morosidade em agir quanto por não acreditar que a gripe fosse tão letal. E, no dia 18 de outubro, Seidl pediu para sair do cargo e Teóphilo Torres assumiu interinamente.

O caos aumentava. Os trens da Central estavam sempre atrasados por falta de pessoal, o comércio cobrava o governo por providência que evitasse o fechamento de lojas e cada vez mais pessoas caíam doentes. Sem empregados, muitas lojas faliram e os hospitais não tinham capacidade para atender tantos doentes; nos cemitérios já não havia mais espaço para a enorme quantidade de corpos.

As consequências da gripe na sociedade da época poderiam ter sido minimizadas se os governantes tivessem elaborado um planejamento para enfrentá-las, o que não fizeram. Tanto quanto podiam, eles negavam a existência da doença, crendo que a aceitação de que a epidemia havia atingido o país evidenciasse a ausência de uma política pública de saúde. O presidente Wenceslau Braz, buscando diminuir a circulação de pessoas, decretou feriado nos dias 19, 21 e

22 de outubro. E, tendo resolvido fazer uma visita surpresa ao hospital Santa Casa de Misericórdia, o principal da capital federal, deparou-se com um cenário desolador.

O chefe da nação percorreu todas as enfermarias, a farmácia, a seção funerária e os necrotérios. As vítimas da influenza espanhola contam-se em um número elevadíssimo e o tratamento a que são submetidos é o menos garantidor possível ao sucesso da cura. Além disso, o acúmulo de doentes, a insuficiência dos abrigos, a péssima acomodação, o nenhum conforto dispensado aos enfermos da Santa Casa, tudo isso torna aquele ajuntamento de infelizes, principalmente na enfermaria das mulheres, sobretudo digno de piedade e maior lástima. A visita do sr. Presidente da República coincidiu com a presença de muitos cadáveres, aguardando os necrotérios abarrotados, o momento de tomar o caminho da cova (A influenza hespanhola: O presidente da República visita a Santa Casa, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 20 out 1918, p. 3).

A vida na cidade já havia sido transformada pela epidemia; os cinemas funcionavam com pouco público, a parte do comércio que ainda funcionava o fazia em horário reduzido e o carioca ia para casa antes do habitual. Segundo *O Paiz*, a urbe à noite era deserta, “a mais desoladora novidade”. Escolas fechadas foram transformadas em hospitais improvisados.

A Diretoria Geral de Saúde Pública requisitou junto ao governo todas as galinhas que se achavam na Estação São Diogo para suprir as cozinhas dos hospitais. Ainda não se havia chegado à descoberta de algum medicamento que pudesse prevenir o contágio ou tratar os doentes, o que fazia surgirem, na imprensa, diversas receitas que prometiam a cura, como o uso de produtos como galinha, limão e ovos. O governo passou a distribuir quinino, sem saber ao certo o real valor terapêutico dessa substância no combate à gripe ou o perigo da sua ingestão sem controle.

Não sabendo como tratar a doença, o jornal dava ainda conselhos para evitar o contágio:

**Conselhos para evitar
o ataque da grippe
ou influenza**

EVITAR o uso e, com maior razão, o abuso de bebidas alcoólicas.

LAVAR a boca e gargarejar com uma solução de sal de cozinha, na seguinte proporção: uma colher de sopa para um litro de água fervida.

FAZER diariamente uso de uma solução de essência de canela, conforme as seguintes doses: uma colherinha das de café em meio copo de água assucarada, de duas em duas horas, até desaparecer a febre. Depois tomar uma colherinha em meio copo de água tres vezes ao dia.

EVITAR aglomerações, principalmente á noite.

NÃO fazer visitas.

TOMAR cuidados hygienicos com o nariz e a garganta: inalações de vaselina mentholada com água lodada, com acido citrico, tannino e infusões contendo tannino, como folhas de gabelra e outras.

TOMAR, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigrammas por dia, e de preferencia no momento das refeições.

EVITAR toda a fadiga ou excessos physicos.

O DOENTE, aos primeiros symptomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contágio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita.

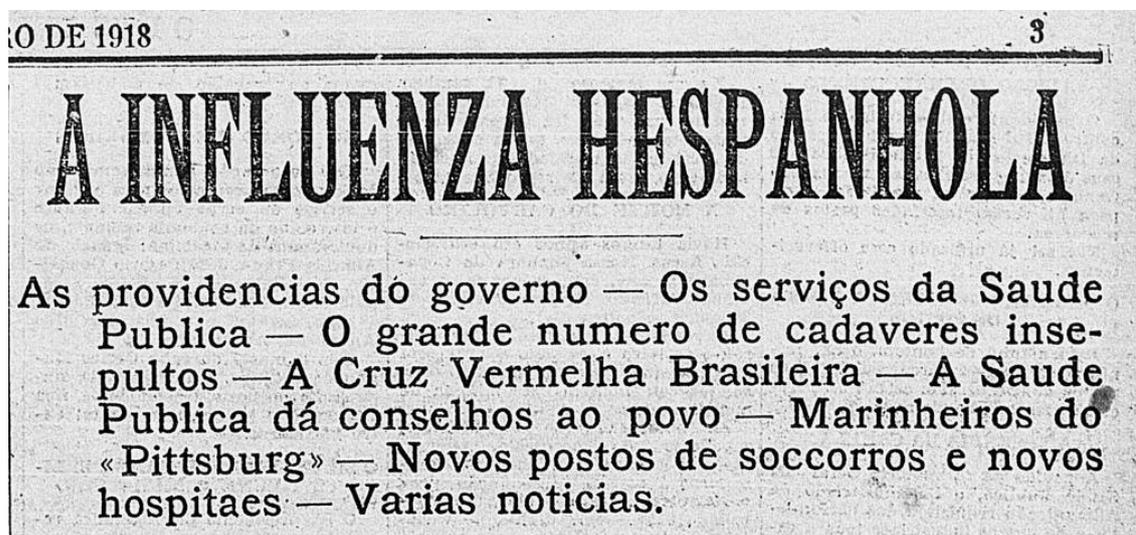
EVITAR as causas de resfriamento, é de necessidade tanto para os sãos, como para os doentes e os convalescentes.

AS PESSOAS IDOSAS devem applicar-se com mais rigor ainda todos esses cuidados.

O Paiz, 22 de outubro de 1918.

Para aqueles ainda em início de infecção, havia a orientação de tomar um purgativo, mistura à base de água destilada e sulfato de sódio, com um pouco de açúcar para melhorar o gosto; tudo muito rudimentar e sem nenhuma comprovação científica. Com a ausência de um tratamento eficaz para o combate à doença, o número de infectados e mortos ia aumentando e

transformava o Rio de Janeiro num necrotério a céu aberto, pois a falta de espaço nos cemitérios era agravada pela falta de gente para realizar os sepultamentos.



Segundo o jornal, 668 corpos foram sepultados em apenas um dia. Em novembro, o jornal afirmava que o número de casos diminuía a cada dia e no dia 11 do mesmo mês, data que marcou o fim da Grande Guerra, a situação estava, segundo o periódico, normalizada.

É quase normal o estado sanitário da cidade, já restabelecida em seu grande movimento. O domingo de ontem, foi alegre como os que mais têm sido. Houve muita gente nas ruas, dessa que faz seu passeio domingueiro; e os teatros, à tarde como à noite tiveram regular concorrência e, como atestado à volta de tudo quanto existia, antes da invasão da epidemia, as ocorrências policiais, até há dois dias tão raras, resurgiram também (A influenza hespanhola, *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 nov 1918, p. 6).

É curioso que essa publicação tenha sido feita um dia após os enterros de 188 pessoas em decorrência da gripe. Raros foram os momentos em que *O Paiz* deu destaque à epidemia, assunto que ocupava as páginas 3 e 4; a primeira página era reservada para as notícias sobre a guerra na Europa. Não se deixava transparecer nenhum alarde, seja diante do número de mortos, de doentes ou do caos da cidade. A doença que matou Rodrigues Alves, presidente do Brasil de 1902 a 1906 e que reassumiria o cargo em 1918, era tratada em reportagens discretas, manifestando o alinhamento do periódico com o governo federal; ambos mantinham a mesma postura cautelosa quanto a não assustar “desnecessariamente” a população.

Gazeta de Notícias

A *Gazeta de Notícias*, um jornal vespertino assim como *O Paiz*, tinha um caráter bem mais popular e de oposição ao governo. No dia 4 de julho, com uma pequena nota publicada na página 5, o periódico fez sua primeira referência à doença, ao dizer que a “influenza” atingira cem mil soldados do exército alemão. No dia 9, outra nota, desta vez já usando a alcunha “gripe espanhola”, informava que a enfermidade se propagava pelo sul da Bélgica. E, no dia 12 do mesmo mês, a informação era que o kaiser Guilherme II, da Alemanha, estava infectado.

Até aquele momento, não havia nenhum caso no Brasil e foi só em 16 de setembro de 1918, quando a *Gazeta* noticiou na página 6 que o navio *Demerara* aportava no Rio, que a gripe chegou ao país, vindo de Liverpool, na Inglaterra; a mesma embarcação que levava soldados norte-americanos para os campos de batalha na Europa.

O “Demerara” fez pessima viagem

A um dia de Liverpool, o grande paquete foi atacado por dois submarinos—Um hidroavião e seis “destroyers” prestam socorros—A “hespanhola” ou “dansarina” a bordo

Morreram diversos passageiros na travessia

O “Demerara” chegou hontem cedo ao Rio, vindo de Liverpool, com trinta dias de viagem. Ella não foi nada boa, chegando ser mesmo bastante atribulada.

Foi uma travessia cheia de peripécias, de sobresaltos, de incertezas, uma viagem, enfim, pessima.

Altds, o “Demerara” não anda, de tempos para cá, com muita sorte. Esteve, logo após a entrada dos Estados Unidos na conflagração, a transportar tropas “yankees” para o “front” francez. Em uma dessas viagens, foi torpedeado por um submarino allemão, pouco faltando para ir ao fundo.

Apesar de se ter salvo, não deixou de soffrer sérias e grossa avarias, tarifario adoptado nas aduanas do Velho Mundo.

Como acima dissemos, a bordo do “Demerara”, no percurso feito de Liverpool ao Rio, grassou a “hespanhola”, attingindo a muitos passageiros, na sua maioria os que vieram em 3ª classe.

Registram-se diversos obitos, não sendo, entretanto, attestado como se tivessem dado por essa molestia.

Entre Lisboa e Pernambuco, verificaram-se dous casos de lesão cardíaca e um de pneumonia, e do Recife a esta capital, um de angina e um de bronchio-pneumonia.

As pessoas mortas em viagem são

Gazeta de Notícias, 16 setembro de 1918, p. 6.

Como se não bastasse o ataque de submarinos e hidroaviões alemães, a tripulação foi visitada pela indesejável “espanhola” ou “dansarina”. Os historiadores apontam que esta embarcação foi a que trouxe a doença para o Brasil. O *Demerara* atracou primeiro em Recife e depois em Salvador e, no Rio, ele foi inspecionado por autoridades de saúde pública que constataram que a maioria dos infectados estava na terceira classe; o navio foi liberado.

No dia 22 de setembro, um dia antes de *O Paiz* abordar, na página 4, a notícia de que a gripe havia se alastrado na divisão naval brasileira aportada em Dakar, o presidente da República e o ministro da Marinha se reuniram às pressas. E, na edição seguinte, a notícia de mais casos na DNOG estaria na primeira página da *Gazeta de Notícias*, com os nomes das vítimas e em quais navios estavam lotadas. Logo abaixo, um comentário premonitório.

A influenza espanhola é agora preocupação de toda a cidade. A notícia da morte de alguns marujos e oficiais de nossa esquadra, em operações de guerra, causou enorme sensação e toda a gente receia a irrupção de tão terrível mal entre nós. Esse receio é, aliás, justíssimo. A repartição que superintende os serviços de higiene nesta capital tem dado provas de uma desídia tão absoluta, de um desinteresse e indiferença pela saúde de nossa população, que as suas medidas ou promessas de ação contra qualquer epidemia não inspiram a menor confiança (Nota e Notícias, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 set 1918, p. 1).

Manchete de primeira página, em “O golpe brutal da gripe espanhola”, o jornal lamentava a tragédia ocorrida na frota da Marinha brasileira. Muitas fotos ilustravam a capa, fotos dos médicos da missão e das vítimas. Um dos navios levava também membros da chamada “missão médica brasileira”, profissionais de saúde que tinham como objetivo montar um hospital em Paris; alguns deles morreram da moléstia.



Gazeta de Notícias, 27 de setembro de 1918.

Enquanto a notícia sobre vítimas entre militares e médicos continuava repercutindo no periódico, uma outra começava a ganhar espaço; era a crítica a Carlos Seidl, então Diretor de

Saúde Pública. A *Gazeta* iniciou uma campanha contra o diretor, a exemplo da charge abaixo, atribuindo a ele toda a responsabilidade pelas mortes e pelo caos na cidade. A gripe espanhola se transforma em “mal de Seidl”.



Gazeta de Notícias, 29 de setembro de 1918.

Em 9 de outubro, a *Gazeta* estampou na capa o texto “A falência da higiene” com um texto que criticava ferrenhamente a postura lenta de Carlos Seidl em tratar a gripe espanhola, acreditando que a doença seria mera gripe.

A primeira coisa que nos surpreendeu foi a incrível ignorância da nossa Higiene a respeito desta moléstia que grassava com caráter francamente epidêmico na Europa. O Sr. Carlos Seidl não sabia de nada! Os jornais vinham, diariamente, repletos de informações telegráficas sobre a evolução do mal, sobre sua difusão no velho continente, mas nossa Higiene continuava alheia a tudo e permitia que os navios saídos dos portos suspeitos chegassem ao Brasil sem nenhuma medida de prevenção sanitária (A fallencia da Hygiene, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 out 1918, p. 1).

Carlos Seidl havia publicado uma nota alegando que a gripe, em sua “forma benigna” não necessitava de medidas excepcionais, pois este mal nos visitava periodicamente e sem gravidade.

Há, porventura alguma explicação para esta falência da Higiene Oficial que deixa uma epidemia invadir o nosso território, e ainda por cima se nega a agir sob o pretexto de que ela ainda não matou muitos brasileiros? (A fallencia da Hygiene, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09 out 1918, p. 1)

O RIO É UM VASTO HOSPITAL!

A invasão da influenza hespanhola

A desidia criminosa do governo

O povo sofre os horrores da exploração Não ha medicos, não ha remedios

Socorro!

De maneira assustadora, a epidemia alastra-se por toda a parte. As pharmacies difficilmente conseguem obter os remédios que lhes chegam a dezréis e a três centavos. Já se sente a falta de medicamentos, que são vendidos a preços exorbitantes. Das escolas, famílias isoladas são visitadas com a epidemia, sem assistência medica e sem socorro.



Na Detenção

Na Brigada Policial

E' preciso demittir-o!

Na Bibliotheca Nacional

Na corte do dia do bœnem

Em aspeito da influenza da Europa Grande

Na Bibliotheca Nacional

Na Bibliotheca Nacional

Gazeta de Notícias, 15 de outubro de 1918.

Casos foram registrados na Central do Brasil e até no Senado Federal, que ficava no Palácio Conde dos Arcos, hoje pertencente à Faculdade de Direito da UFRJ. Junto à corrida desesperada às farmácias em busca de remédios, como quinino e aspirinas, o jornal trazia a denúncia de que os farmacêuticos aumentavam os preços para obter lucro fácil.

A partir do dia 16 de outubro, as críticas ao modo como Carlos Seidl conduzia a crise se tornaram diárias e a doença passou a receber seu nome: “mal de Seidl”. O presidente da República também foi alvo das críticas do periódico.

ANO XLVII Rio de Janeiro - Quarta-feira 16 de Outubro de 1918 N. 287

GAZETA DE NOTICIAS

NUMERO AVULSO 100 RS. Mierocopyada e impressa nas machinas rotativas do MARINONI, na Typographia da Sociedade Anonyma GAZETA DE NOTICIAS. NUMERO AVULSO 100 RS. de impressao rotativa e em 16 colunas.

A GRANDE DESGRAÇA

O "mal de Seidl" progride assustadoramente

E o governo assiste impassivel ao desenvolvimento da epidemia

O NUMERO DE OBITOS AUGMENTA

Não pode continuar!

Profissionais de medicina... Não pode continuar!

Na Classe de Engenharia

Na Classe de Engenharia... Na Classe de Engenharia

Na Classe de Engenharia

Na Classe de Engenharia... Na Classe de Engenharia

Na Classe de Engenharia

Na Classe de Engenharia... Na Classe de Engenharia

Na Classe de Engenharia

Na Classe de Engenharia... Na Classe de Engenharia

Gazeta de Notícias, 16 de outubro de 1918.

No dia 18 de outubro, a grande manchete era irônica: “Um mar de rosas..., a opinião do governo diante do Mal de Seidl”. O que se destaca na edição é a denúncia de censura aos órgãos de imprensa diante do aumento dos casos. Não se sabe se houve retaliação por parte do governo; a edição teve apenas duas páginas, enquanto normalmente tinha de seis a dez; ainda que caiba ressaltar que os jornais já vinham ficando menores devido à crise econômica da Grande Guerra, crise que se agravou com a gripe espanhola, que atingiu também os jornalistas. Carlos Seidl não aguentou a pressão e entregou o cargo ao presidente da República. No dia seguinte, o jornal voltou a ter seis páginas.

Por determinação do Sr. Presidente da República, a Censura nos intimou ontem, a não atacar mais o Sr. Carlos Seidl e o governo, nem publicar o número de casos fatais ou não causados pela epidemia de gripe (Epidemia e a censura, **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 out 1918, p. 1).

Os jornais não farão mais nenhuma vítima, nem produzirão pânico à população indefesa. Se não for possível, os mortos ressuscitem, os agonizantes se levantarão dos leitos e curados (Que beleza, **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 out 1918, p. 1).

A situação ia ficando mais desordenada, com quatrocentos enterros em apenas um dia; em outro, quinhentos. O governo resolveu distribuir pão para o povo, mas a *Gazeta de Notícias* continuava a criticar a administração federal, desta vez pela ação desorganizada.

O caos na Capital Federal só aumentava. A polícia resolveu ir diretamente às granjas e apreender as galinhas para impedir que comerciantes inflacionassem o produto, já que circulavam boatos de que ele ajudaria na cura da doença. Na Praça Quinze, dezenas de moradores de rua, alguns muito doentes, estavam caídos pelas calçadas. O diretor do Instituto Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, convocou os médicos e estudantes para lutar contra a epidemia.

Não havia comida para os vivos, nem caixões suficientes para os mortos, que se acumulavam nas ruas e dentro das casas. As farmácias, que estavam fechadas devido ao feriado forçado, foram obrigadas pelo governo a abrir.

O presidente Wenceslau Braz visitou a Santa Casa e postos de Saúde na Praça Onze de Julho e em Ramos, comprovando a situação dos doentes. No Palácio do Catete, foi montada uma pequena unidade de saúde que chegou a atender num único dia 426 pessoas. Na Praia Formosa, houve uma enorme confusão, em que populares tentavam comprar galinhas desesperadamente, motivo pelo qual a polícia foi acionada, acabando por restringir a compra de cada um a apenas uma galinha. Aproveitando-se da escassez do produto no mercado, um homem foi preso por revender galinhas por valores acima do normal.

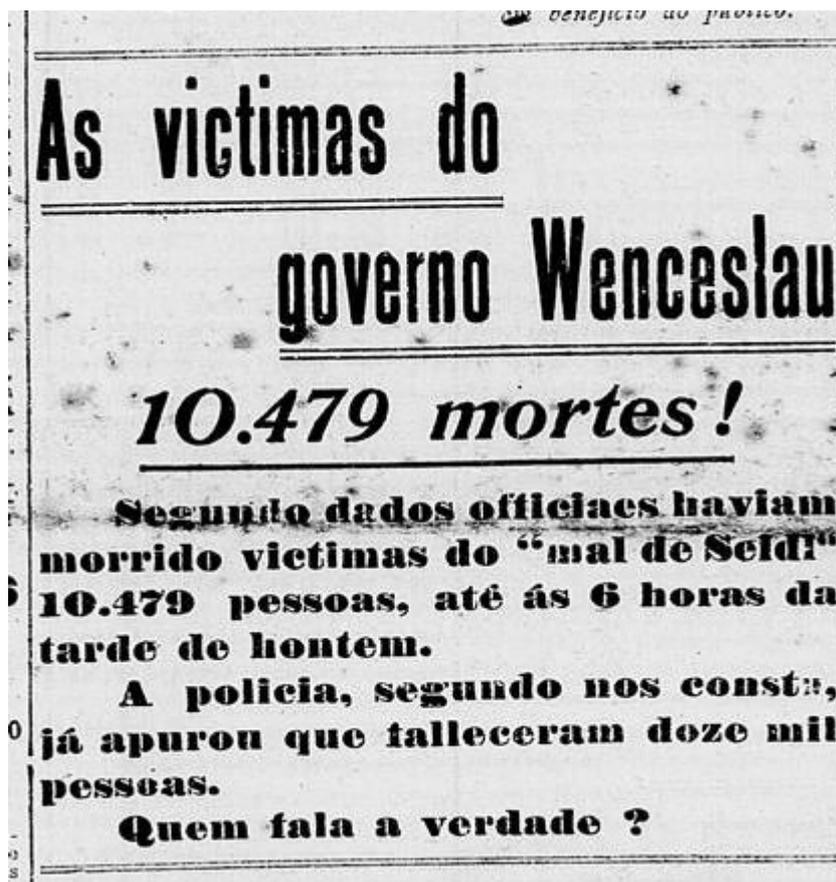
A EPIDEMIA NÃO DECLINOU E OS CASOS NOVOS SÃO, EM GERAL, GRAVES



Gazeta de Notícia, 27 de outubro de 1918.

O caos parecia cada vez mais definitivo, com cinco mil mortos em apenas uma semana. Na edição do dia 30 de outubro, o jornal afirmava que o número de casos diminuía, mas o de mortos continuava a crescer. Para regozijo do periódico, eles publicaram a informação de que o presidente Wenceslau Braz havia sido infectado pela gripe espanhola, ainda que seus assessores negassem. Também o presidente eleito Rodrigues Alves padecia da doença.

No dia primeiro de novembro, o número de casos começava a diminuir. Aos poucos, a situação voltava ao normal, mas o número de mortos ainda era alto, com 587 enterros em um dia. De tal modo que o prefeito do Rio, Amaro Cavalcante, resolveu transformar em cemitério um terreno doado pelo Exército, em Ricardo de Albuquerque, já que os cemitérios não suportavam mais a demanda. O bairro da Saúde, epicentro da Revolta da Vacina de 1904, vivia um cenário desolador: miséria, mortes e muitas pessoas doentes sem assistência, sequer comida.



Gazeta de Notícias, 30 de outubro de 1918.

Durante vários dias, o jornal criou a seção "A conquista da galinha" onde, com pequenas reportagens, retratava a dificuldade dos cariocas em comprar a ave; a maioria dos casos acabava na delegacia.

Na edição do dia 5 de novembro, os servidores públicos denunciavam o atraso dos salários; o mesmo atraso não ocorreu com os de deputados, senadores e ministros. Já no dia 7 de novembro, com os números de casos e mortos em queda, o governo fechou hospitais improvisados e suspendeu auxílio aos mais pobres. Surgiram denúncias graves como, por exemplo, contra o comissário de Alimentação Pública, Leopoldo de Bulhões, acusado de requisitar e dar sumiço num estoque de leite condensado, leite cru e dezenas de galinhas. O Sr. Presidente da República mandou entregar ao Sr. Leopoldo de Bulhões a quantia de trezentos e cinquenta contos. Por que verba esse dinheiro e a razão de quê?

Esse dinheiro foi arranjado das muitas verbas do Ministério da Agricultura e entre ao Sr. Bulhões!

Dizem que o dinheiro é para o Sr. Bulhões pagar as requisições escandalosas que fez durante o período agudo da epidemia.

Mas o Sr. Bulhões ainda não deu contas do dinheiro que recebeu da venda das cousas que requisitou.

Onde está o balanço?

Protestamos contra o assalto já realizado ao Tesouro Nacional neste apagar de luzes em que cada um quer levar o melhor quinhão e achamos que tanto o Sr. Presidente da República como o Sr. Bulhões devem explicar ao povo tão sacrificado e tão escarnecido, como é esse misterioso negócio das requisições das galinhas e consequentemente venda feita pelo Commissariado da Alimentação Pública (Que ladroeira, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 07 nov 1918, p. 1).



Gazeta de Notícias, 7 de novembro de 1918.

No dia 8 de novembro, a Gazeta de Notícias publicou um número impressionante: de 12 de outubro até 7 de novembro haviam morrido, somente na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos 20 mil pessoas vítimas da gripe espanhola, porém esse número nunca ficou comprovado. E, o governo, segundo o jornal, "escondia as estatísticas". A partir daí, a influenza praticamente sumiu do jornal, retornando em apenas algumas citações. O fim da Primeira Guerra Mundial no dia 11 e a posse do novo governo no dia 15 foram os grandes destaques por vários dias. A saúde do presidente eleito Rodrigues Alves era uma preocupação, já que ele sofria de gripe espanhola. Sua morte viria a gerar uma crise e a ascensão do vice, Delfim Moreira.

É interessante observar que, mesmo a gripe espanhola tendo sido devastadora na capital federal, a doença desapareceu para alguns autores; João do Rio e Lima Barreto, grandes cronistas que foram, não escreveram sobre um vírus que infectou e matou tantas pessoas. Entretanto, se jamais saberemos o que os levou a não escrever, ao menos conseguimos que os jornalistas da *Gazeta de Notícias* denunciassem os desmandos do governo federal e o caos na cidade, através da informação, que é ainda a única vacina contra a ignorância.

Correio da Manhã

Mais novo do que o *País* e a *Gazeta de Notícias*, o *Correio da Manhã* surgiu em 1901, fruto do idealismo do seu fundador, Edmundo Bittencourt, que desejava um jornal independente e de oposição.

A edição do dia 30 de junho trouxe uma das primeiras referências à gripe espanhola na imprensa da época na primeira página e dentre várias notícias sobre a Primeira Guerra Mundial. Segundo o *Correio*, soldados alemães feitos prisioneiros pelos britânicos relatavam, durante os interrogatórios, que “uma epidemia de influenza” havia gerado devastação em suas tropas. Alguns dias depois, a edição do dia 7 de julho noticiou a morte de um sultão do Império Otomano, Mahamed V, vítima da “hespanhola” e a do dia 12, que o Imperador Guilherme II também havia contraído a doença. De todo modo, em princípio, a doença se apresentou aos habitantes do Brasil como um mal terrível, porém muito distante. E, as autoridades não tomaram as medidas preventivas para o controle da gripe, tampouco para o atendimento satisfatório da população doente. Segundo Teixeira (*apud* Santos, 2006, p.138), tanto a imprensa quanto os responsáveis pelos serviços de saúde pública mantinham sob dúvida a existência da espanhola no Brasil.

No dia 22 de setembro, no canto esquerdo na primeira página, lia-se que a influenza havia irrompido nos navios brasileiros em operação de guerra.

Trata-se de “influenza espanhola”, que tem ceifado quase fulminantemente inúmeras vidas. Os telegramas que vem da Espanha e Portugal se referiam veladamente ao mal, que reina especialmente nos portos do Mediterrâneo...

(...)

O ministro da Marinha já teve notícias relativas à propagação dessa enfermidade nas guarnições dos navios brasileiros por telegramas enviadas pelo Almirante Frontin (A “Influenza Hespânica” irrompeu nos navios brasileiros em operação de guerra”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 set 1918. p.1).

No dia 23, a morte de 55 brasileiros na DNOG; divisão naval brasileira em operações de guerra, que tinha como comandante o almirante Max de Frontin; vinha como destaque de capa. A reportagem sugeria que a gripe espanhola havia chegado ao Brasil.

O Diretor Geral de Saúde Pública, Carlos Seidl, negou essa informação, dizendo que o número de mortes diminuía na Europa e que, por isso, não havia motivos para preocupações. Com isso, também afastava as suspeitas que recaíam sobre a chegada no porto do navio *Demerara* que, vindo de Liverpool, havia feito uma escala em Dakar; escala que viria a se mostrar fatal. A bordo do navio chegaram duzentos tripulantes, em vários estágios da doença, e outros, que só aparentemente estavam saudáveis, e, pelos pés deles, a gripe desceu dos navios para se disseminar pela cidade.

Até agora nenhum caso suspeito de *influenza espanhola* nos chegou. Quando aportou no Rio, há dois dias, o Demerara, tive a ocasião de não ter confirmadas suspeitas que surgiram. Fui pessoalmente a bordo, examinei os livros de registro, conferenciei com o médico do navio, indaguei o quanto pode e fiquei convencido que não havia motivos de intranquilidade...

(...)

...dentre os 562 passageiros de 3ª classe enfermaram poucos e só faleceram cinco, entre crianças e adultos.

Desses cinco, um apenas teve o diagnóstico de influenza (A “Influenza Hespanhola” na divisão naval brasileira em operação de guerra, *Correio da Manhã*, 23 set 1918, p.1).

Nos dias seguintes, o jornal trouxe as fotos das vítimas da Marinha brasileira e a reação do governo. A Diretoria de Saúde Pública informou ao “Loyd Brasileiro”, companhia de navegação da época, que todos os navios oriundos de portos europeus, asiáticos e africanos passariam por inspeção sanitária.

Em entrevista dada ao periódico, o sanitarista Carlos Chagas considerava que a doença não era de “absoluta gravidade”, contudo reconhecia que havia poucas informações sobre ela. Com a perspectiva de sua chegada, alguns médicos recomendavam que se limpasse as frutas com vinagre, enquanto Carlos Seidl apresentava como preventivo a vacina contra a varíola, seguindo o conselho de cientistas franceses, ainda que tais recomendações não tivessem nenhum valor real. As cidades de Recife e Salvador tiveram as primeiras baixas, com casos que foram logo informados a Carlos Seidl, mas o Diretor de Saúde Pública continuava a repetir o seu mantra de que tudo estava sob controle.

A “GRIPPE” NOS NOSSOS QUARTEIS E O ESTADO SANITARIO DA CIDADE

“A influenza hespanhola” é a simples influenza synonymia de “grippe” diz o director da Saude Publica

Continua, infelizmente, a grasal com inecidade, nesta cidade, e epidemia da grippe.

Tenho como foco originario o vapor Demerara, que, em sua recente viagem, transitara pela zona da Europa e da Argelia contaminada, o mal se irradicou rapidamente. pronagando-se com

pela grippe ou **influenza** de uma região ou de uma cidade é procurar resolver um problema atualmente insolúvel; é um sonho, uma utopia científica.

Em sua marcha caprichosa e vagabunda, a **influenza** ou grippe tem, até agora, em todos os países, menisprezado todos os re-

sobre a mais doloroso impressão de pavor: Trtar-se-ia de um caso de tal “**influenza hespanhola**”?

É pella manhã, logo ás primeiras horas, José dos Santos arrastou-se á uma pharmacia de São Christovão, em busca de um medico que o auscultasse.

O clinico, já, talvez, influenciado

(...A “grippe” nos nossos quartéis, *Correio da Manhã*, 11 out 1918, p.3) 7167

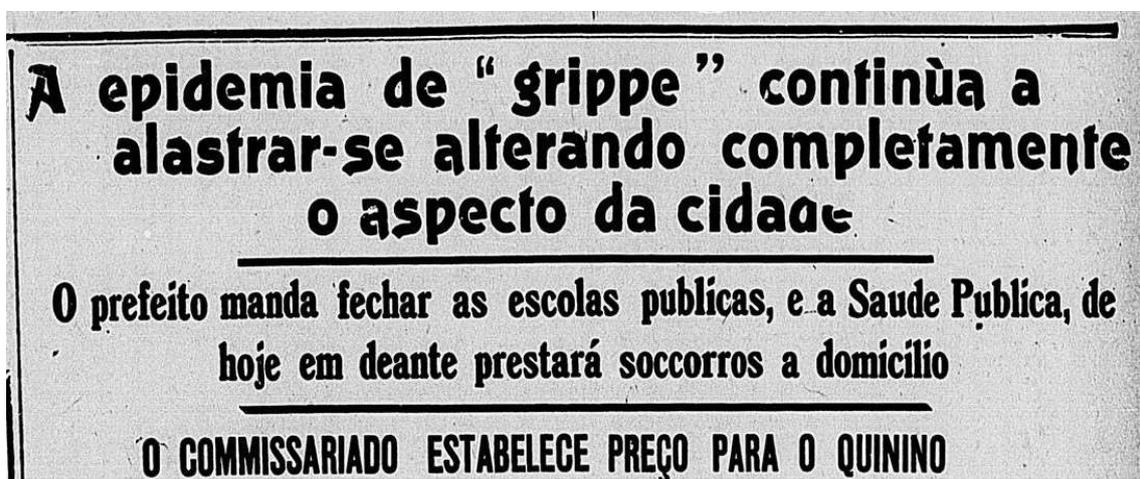
Em outubro, a imprensa noticiou a existência de doentes em locais de grandes aglomerações, tais como quarteis, fábricas e escolas e, no dia 14, a gripe alcançou a capa do jornal, com um destaque que se manteve no dia seguinte. Bastaram poucos dias para que 20 mil pessoas surgissem infectadas. O jornal relatava ruas vazias; lojas e casas de espetáculo fechadas; militares, professores, comerciantes e outros trabalhadores doentes. Além disso, faltava pessoal em quase todos os setores da economia e até delegacias precisaram ser fechadas devido à falta de policiais, pois muitos deles haviam contraído a doença.



(...A epidemia de “gripe” toma cada vez maior vulto, Correio da Manhã, 15 out 1918, p.1)

A seção “Pingos e respingos” trouxe uma curiosa nota...

Introduzir o higiênico sistema de não se apertar a mão, é um preservativo contra a influenza. A introdução será mesmo a pedra angular de uma nova profilaxia, etc.
 - Como literatura, não é grande coisa. Ao cronista deixamos de tocar os ossos, porque a receita é de se tirar o chapéu (Pingos e Respingos, Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15 out 1918, p.2).



(...A epidemia de “gripe” continua a alastrar-se alterando completamente o aspecto das cidades. Correio da Manhã, 16 out 1918, p.1)

No dia 18 de outubro, a notícia de capa foi o pedido de demissão de Carlos Seidl, cujo trabalho foi muito criticado por todos os jornais. Sem deixar de ser crítico, o *Correio da Manhã* tentou adotar uma postura polida com o ex-diretor, postura divergente, por exemplo, da adotada pela *Gazeta*, que chamou a doença de “Mal de Seidl”. Teóphilo Torres passou assumir o cargo interinamente.

O jornal cobrava das autoridades ações mais contundentes no combate à doença, reclamando da insistência do governo na sua benignidade. Desamparada, a população procurava apoio em purgantes, preparados à base de alfazema, limão, coco, cebola, vinho do Porto, sal de azedas, cachaça, fumo de rolo e quinino e; deste vegetal a prefeitura comprou doze quilos para usar no tratamento dos doentes, mesmo sem saber o real valor terapêutico dessa substância no combate à gripe, tampouco se havia perigo na sua ingestão sem controle.

Aos poucos, desapareciam das ruas da cidade policiais, motorneiros dos bondes, maquinistas da Central do Brasil, telefonistas, funcionários da Caixa Econômica e, acudados pela doença, toda a gente que lhe dava vida. A cidade parou e o seu movimento passou a advir do desespero e da fome, que levaram ao saque de vários estabelecimentos. No dia 20 de outubro, a gripe espanhola foi o destaque de toda a primeira página, com a visita do presidente da República ao hospital Santa Casa de Misericórdia.



Os cariocas solicitavam à Diretoria de Saúde Pública o serviço de desinfecção de suas casas e, se não eram atendidos, tentavam desinfetá-las eles mesmos, queimando alfazema e incenso, como recomendavam as autoridades; estas já desprovidas de pessoal específico para enviar ao trabalho de limpeza. Com o governo federal perdido, a capital da República se transformava no próprio caos e os médicos, que não sabiam como tratar a doença, receitavam quinino, caldo de galinha e limão, produtos que vieram a se tornar alvo de especulação comercial.

No dia 21 de outubro foram apresentadas as primeiras recomendações para evitar a doença.



AO POVO

EVITAR aglomerações, principalmente à noite.
NÃO fazer visitas.

TOMAR cuidados hygienicos com o nariz e a garganta: inalações de vaselina mentholada, gargarejos com agua e sal, com agua iodada, com ácido citrico, tannino e infusões contendo tannino, como folhas de goiabeira e outras.

TOMAR, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigrammos por dia, e de preferencia no momento das refeições.

EVITAR toda a fadiga ou excessos phisicos.

O **DOENTE**, aos primeiros symptomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contagio. Não deve receber, absolutamente nenhuma visita.

EVITAR as causas de resfriamento, é de necessidade tanto para os sãos, como para os doentes e os convalescentes.

A'S PESSOAS EDOSAS devem applicar-se com mais rigor ainda todos esses cuidados.

O governo montou 22 hospitais improvisados e vários postos de saúde pela cidade; a lista completa foi divulgada pelo *Correio da Manhã*. Carlos Chagas, novo diretor do Instituto Manguinhos (atual Fiocruz) instalou mais 32 postos nos bairros de Deodoro, Méier, Engenho de Dentro e na Praça 11 de junho. A edição do dia 23 trouxe um panorama da situação na cidade do Rio e, dentre as notícias de capa, uma nota da cervejaria Brahma. A empresa, cuja fábrica ficava localizada na rua Visconde de Sapucaí, atual Avenida Marquês de Sapucaí, explicava que, apesar dos boatos, os trabalhos não haviam parado. O único problema, entretanto, era o número reduzido de funcionários, o que se devia à doença.

O *Correio da Manhã* tentou seguir o caminho do meio-termo, com equilíbrio na apuração de notícias; não era nem explosivo e sensacionalista como a *Gazeta de Notícias*, nem omissivo como *O Paiz*; ainda que, em alguns momentos, o jornal parecesse pender para o lado do governo, como na manchete do dia 24 de outubro: “O presidente da República tranquiliza a

população”, em que Wenceslau Braz afirmava que o número de casos e mortes tendia a declinar e que não havia motivo para pânico. Curioso é que a mesma edição publicava também que a doença se espalhava por São Paulo, interior do Estado do Rio, além de pelo Paraná e por Santa Catarina. Na capital federal, na rua São Luiz Gonzaga, um corpo foi encontrado, estando lá há cinco dias e, outros dois corpos na mesma situação, na rua dos Coqueiros, no Catumbi.

Vários projetos solidários de associações de trabalhadores, da Igreja Católica, Cruz Vermelha e outras instituições surgiram pela cidade para ajudar os mais pobres e até acolher crianças cujos pais morreram da gripe.

Com o passar do tempo, as manchetes de capa foram se tornando mais tranquilizadoras, ainda que as páginas internas continuassem a trazer reportagens contraditórias aos discursos oficiais. Talvez fosse essa uma estratégia para driblar a censura...



A edição do dia 27 de outubro estampava uma nota que afirmava que os hospitais estavam sem vagas e ainda lançava a pergunta: “Em declínio?” Para reforçar a opinião do jornal, a edição trazia uma entrevista com Azevedo Sodré, médico e ex-diretor da faculdade de medicina, além de ex-prefeito do Rio...

A propósito dessa terrível pandemia que ora nos assola, devastando a “urbe” tivemos a ocasião de palestra com o Sr. Azevedo Sodré.

(...)

Na sua opinião, a epidemia está ou não em franco declínio?

- A epidemia da gripe, no meu modo de pensar há uma semana que está no seu auge, devendo ainda assim permanecer outros tantos dias, após que entrará em período de declínio.

(...)

Oxalá que esta lição dolorosa venha a abrir os olhos dos incautos governantes do Brasil! É necessário que todos se convençam da necessidade oportuna e palpitante de se solucionar o problema do saneamento (“Interview” com o Sr. Azevedo Sodré, **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 out 1918, p.3).

Azevedo Sodré encerrava a entrevista citando seu projeto de criação de um “Ministério de Saúde Pública”, já que os departamentos que cuidavam da área estavam desorganizados.

O *Correio* criou uma seção chamada “Epidemia”, que trazia informações detalhadas sobre a doença no Rio de Janeiro e em outros estados e, ainda, outra, chamada “Vítimas da gripe”, que informava nomes, idades dos mortos e locais dos enterros. A despeito de todo caos, as páginas finais do periódico faziam crer que as corridas de turfe, os jogos de futebol e as sessões de cinema não haviam parado. O *Cine Palais* exibia o filme “O gentil talismã” e o Cine Íris “As duas monarcas”. Mesmo vazios, os cinemas permaneciam funcionando.

Em 5 de novembro, a manchete dava destaque ao declínio da doença, com o registro de apenas um caso e diminuição do número de mortes. Todavia, em alguns bairros, como Jacarepaguá e Bangu, a situação ainda era grave e a fome se mostrava tão devastadora quanto a gripe. O intendente municipal Geremário Dantas requisitou a construção de um hospital provisório e ainda, mantimentos para os mais pobres.

Nos primeiros dias de novembro, o jornal teve como alvo o principal e maior hospital da cidade, a Santa Casa de Misericórdia. Eram enviados para lá quase todos os enfermos, o que tornava a superlotação inevitável. As condições precárias foram constatadas pelo próprio presidente da República numa visita. Um repórter do *Correio* publicou a conversa com um humilde jardineiro que contou que havia sido atingido pela “espanhola”. O que ele respondeu quando perguntado se havia procurado atendimento na Santa Casa segue abaixo...

O velho jardineiro sorriu, teve um gesto de singular ironia e respondeu depois:
- Não, patrão! Procurei entrar para o hospital da Gamboa, porque eu queria viver. Se fosse para a Casa Mãe (Misericórdia) não sairia de lá vivo! Trabalhei bastante para aquela gente, e sei o que aquilo é. Olhe, patrão, aquilo não é Santa Casa: é a Casa do Diabo! (A casa do diabo, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 05 nov 1918, p.3)

A partir daí, surgiu a seção “A casa do diabo”, que durou três dias; uma série de reportagens em que os jornalistas questionavam as grandes somas de dinheiro público empregadas na unidade de saúde, sem que houvesse qualquer fiscalização do governo federal. Uma das fontes de recursos eram as loterias nacionais. Um repórter resolveu visitar o hospital para averiguar as reais condições e encontrou uma situação lastimável, que incluía pacientes amontoados, camas improvisadas e a denúncia de que o hospital lançava esgoto na praia de Santa Luzia. Dias depois, mais denúncia grave recaiu sobre a Santa Casa, a de que ela estaria recebendo dinheiro para enterros das vítimas da gripe, sem que os realizasse. O jornal pediu a abertura de uma sindicância, mas, pela falta de continuidade das matérias, nada foi investigado.

Com o decréscimo do número de casos, no dia 7 de novembro, o prefeito do Rio, Amaro Cavalcanti, mandou fechar os postos improvisados e, a edição do dia 9 noticiou que a cidade

retornava, aos poucos, à normalidade. A manchete do dia estava com o armistício da Grande Guerra. No Rio, até os crimes voltaram e um exemplo foi o caso do guarda civil Estevam José Ribeiro que tentou matar a tiros o médico Muniz Freire na rua Voluntários da Pátria, em Botafogo. A razão foi o fato de o médico se recusar a lhe dar o atestado de óbito do seu bebê, uma das vítimas da gripe espanhola. O médico foi atingido por três tiros de raspão e sobreviveu, o guarda foi preso pelo chefe de polícia Aurelino Leal, vizinho de Muniz Freire. Segundo as contas do jornal, desde o dia 12 outubro, 13.525 pessoas perderam a vida, vítimas da “hespanhola” na capital federal. No mês de dezembro, a gripe foi desaparecendo aos poucos, até sumir completamente do noticiário.

As páginas finais do jornal traziam dezenas de propagandas de remédios para a cura da gripe: *Emulsão de Scott*, o homeopático *Albapenitum*, *Guaraná Maués* ou da marca *Champagne* para os convalescentes, fortificante *Vanadiol*, remédio *Contratosse* e o *Composto Ribott*, que prometia repor o fosfato perdido pela gripe.

A INFLUENZA DEIXA OS CONVALESCENTES COM O CEREBRO FRACO, DEVIDO A PERDA DE PHOSPHATOS

A maioria das pessoas convalescentes de Influenza sentem além do depauperamento geral ocasionado pela molestia, grande depressão nervosa, devido naturalmente á perda de phosphato. Não são poucas as que enlouquecem, e outras ficam com grande debilidade mental, principalmente nos casos de pessoas de profissão liberal. A continuação de tal estado de saúde é perigosa, devendo-se a isso o grande numero de recaídas, que infelizmente são com frequencia fataes. Os convalescentes de Influenza recobrarão rapidamente suas forças e energias tomando por

alguns dias com as refeições o COMPOSTO RIBOTT (phosphato-ferruginoso-organico) o tonico supremo para o sangue e o cerebro. Consultae vosso medico sobre sua formula que damos a seguir: Peptonato de Ferro gm. 0.05, Glycerophosphato de Calcio gm. 0.02, Hypophosphato de Calcio gm. 0.08, Ext. de Noz Vomica gm. 0.003, Convolvulus Off., gm. 0.01, Carbonato de Magnesia gm. 0.125, Gengibre em pó, gm. 0.015, Ess. Canela Q.S. A' venda em todas as pharmacias e drogarias. Unico depositario no Brasil, B. Nieva. — Caixa 979 — Rio. (6606)

Diante de notícias tão diversas como a primeira guerra, a crise econômica e de abastecimento, a gripe espanhola, o armistício, a doença do presidente eleito e o fim do mandato de Wenceslau Brás; esses foram tempos bem agitados para os jornalistas. O dono do *Correio da Manhã*, Edmundo Bittencourt, tentou uma cobertura equilibrada, a despeito de muitos jornalistas terem adoecido e de o mês de outubro de 1918 ter sido um dos momentos mais trágicos da história do Rio, desvelando ignorância, desorganização dos governos federal e municipal e um

grande número de pobres desamparados que, ao contrário dos ricos que fugiam para a região serrana, não viam uma saída. Custa-nos acreditar que, depois de 102 anos, de tanto progresso e de tantas voltas da Terra, os problemas sejam ainda os mesmos e abarquem o governo que, em lugar de se tornar parte da solução, continua a repetir seu mantra de que tudo está sob controle...

Referências bibliográficas:

CABRAL, M. C. e SCHATZMAYR, H. **A virologia no Estado do Rio de Janeiro: uma visão global**. Rio de Janeiro. Fiocruz, 2012.

CASTRO, R. O carnaval da guerra e da gripe. In: ____ **Metrópole à beira mar**. Companhia das Letras, 2019.

DAROZ, C. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial: A longa travessia**. São Paulo: Contexto, 2016.

GOULART, A. da C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v.12, n.1, p. 101-142, jan-abr. 2005

LUSTOSA, I. **História dos presidentes: A República no Catete 1897-1960**, Rio de Janeiro: Agir, 2008.

MONTEIRO, M. **U-93: A entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial**. Porto Alegre: Besouro Box, 2014.

SANTOS, R. A., O Carnaval, a peste e a “espanhola”. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v.13, n. 1, p. 129-58, jan – mar.2006.

SILVA, H. **Os Presidentes: Venceslau Brás, 9º presidente do Brasil 1914-1918**. São Paulo: Ed. Três, 1983.

VINHOSA, F. L.T. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.